

Os destinos pulsionais narcísicos e as vozes constituintes do Eu

Daniela Appio Varaschin¹

Júlia Schneider Protas²

Ignácio Alves Paim Filho³

Larissa Ullrich⁴

Luciana Nunes de Nunes⁵

Paula Frizzo⁶

Tânia Nara Carvalhal Israel⁷

RESUMO

Freud, em 1915, nos convoca a romper as fronteiras do já conhecido e a transitar por caminhos talvez não tão novos, mas dessa vez com a possibilidade de percorrê-los diferentemente do estabelecido. Esse convite torna-se audacioso no momento em que ousamos fazer uma releitura investigativa do texto freudiano “Pulsões e destinos da pulsão”. Tal releitura pretende ressignificar os conceitos de sadismo e masoquismo, estruturados em sintonia com os destinos pulsionais narcísicos, sob a óptica da virada de 1920. Para cumprir tal meta, o

1 Psicanalista, membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

2 Psicoterapeuta, membro associado do Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica (ESI-PP).

3 Psicanalista, membro pleno do CEPdePA, membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

4 Psicoterapeuta, membro efetivo do ESIPP.

5 Psicanalista, membro associado do CEPdePA.

6 Psicanalista com formação em psicanálise pela Arche e formação em arteterapia pela Psique, membro associado do CEPdePA.

7 Psicanalista e psicoterapeuta, membro associado do CEPdePA, membro efetivo do ESIPP.

presente texto ocupa-se também do trabalho de 1924 intitulado “O problema econômico do masoquismo”. Na interação desses dois tempos do pensar freudiano — que implica uma mudança de perspectiva, do sadismo primário para o masoquismo primário —, este artigo estabelece um diálogo com as vozes constituintes do Eu. Diante dessa concepção, trabalha a voz passiva, a voz ativa e a voz reflexiva média, objetivando refletir sua função estruturante e psicopatológica: *abrir portas*. Além disso, com o intuito de fazer trabalhar ideias, utiliza vinhetas clínicas nas quais sintomas se fazem palco de expressão da voz reflexiva média (“o que eu me faço”), em sua íntima relação com a voz passiva (“o que ele me faz”) e com a voz ativa (“o que eu lhe faço”).

Palavras-chave: Eu. Narcisismo. Pulsão. Vozes. Masoquismo. Sadismo.

Ouvimos muitas vezes a opinião de que uma ciência deve se edificar sobre conceitos básicos claros e precisamente definidos, mas, na realidade, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste muito mais na descrição de fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados e correlacionados entre si. Além disso, é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos sobre ele algumas ideias abstratas obtidas não só a partir de novas experiências, mas também oriundas de outras fontes.

(Sigmund Freud, “Pulsões e destinos da pulsão”)

Oenunciado de Freud (1915) que serve de epígrafe a nosso texto convoca-nos a romper fronteiras do já conhecido e a transitar por caminhos talvez não tão novos, mas dessa vez com a possibilidade de percorrê-los diferentemente do estabelecido. Ousamos

propor uma releitura das vozes constitutivas do Eu a partir do texto “Pulsões e destinos da pulsão”. Nossa pretensão é ressignificar os conceitos de sadismo (ativo) e masoquismo (passivo) sob a perspectiva da virada de 1920, considerando ainda seus enlaces com o trabalho de 1924 intitulado “O problema econômico do masoquismo”. Nesse sentido, iniciamos pelos textos “Uma introdução ao narcisismo” (1914) e “Luto e melancolia” (1917), que trazem consigo a proposição implícita de uma passividade originária do Eu, decorrente de uma presença mais intensa do objeto como mediador e instaurador das demandas pulsionais.

Em seu escrito “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914) postula que o nascimento psíquico do ser humano é posterior ao seu nascimento biológico, em decorrência da *ação específica* (FREUD, 1950 [1895]), com seus componentes acidentais. No início da vida, existe apenas um organismo investido por pulsões parciais espalhadas por um corpo em estado anárquico: tempo do autoerotismo, no qual fonte e objeto pulsional coincidem.

Se não existe um Eu desde o início, algo precisa ser acrescentado ao autoerotismo para que o Eu possa ser desenvolvido — uma *nova ação psíquica* (FREUD, 1914), esta que compreendemos como resultante de uma *identificação direta e imediata* (FREUD, 1923). Mediante as relações estabelecidas com suas figuras parentais, o Eu Realidade Originária, vigente no autoerotismo, estrutura o *Eu Puro Prazer* (FREUD, 1914). Esse investimento libidinal das figuras paternas é projetado em um filho idealizado, dotado de toda a onipotência primária, em que o Eu é um Eu Ideal, assumindo o lugar de *sua majestade, o bebê* (FREUD, 1914). Diante desse cenário, encontramos no postulado do narcisismo primário — esse oriundo das figuras parentais — a marca fundante do poderio do objeto em sintonia com uma disposição passiva originária do Eu.

No texto “Luto e melancolia”, condizente com sua proposição de refletir sobre a relevância do objeto, Freud (1917) traça um paralelo

entre dois processos: ele postula que o luto existe em decorrência da perda de alguém ou de alguma abstração que ocupou o lugar de alguém. Já na melancolia, a perda está relacionada a uma perda inconsciente: “[...] ele sabe *quem* [perdeu], mas não *o que* se perdeu nesse alguém” (FREUD, 1917, p. 175, grifo nosso). Na impossibilidade de perder o objeto, ocorre uma regressão a uma identificação narcísica, por meio da introjeção do objeto, ou seja, há a necessidade de seguir dizendo “Eu sou o objeto” (FREUD, 1938, p. 205). Por meio do trabalho do luto, o Eu fica livre, ao passo que, no trabalho da melancolia, o Eu permanece aprisionado: “Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (FREUD, 1917, p. 181).

Na melancolia, a perda objetual se transforma na perda do Eu, fomentando a autotortura. O prazer vivenciado nesse processo associa-se com a satisfação das tendências sádicas relacionadas ao objeto perdido, que, nesse emaranhado de identificações, retorna ao próprio Eu do indivíduo: o trabalho da melancolia. Freud (1917) utilizará a melancolia como um referencial clínico para viabilizar o acesso aos registros psíquicos que remetem à força do objeto na estruturação do Eu.

Seguindo esse pensar, nos debruçamos sobre o texto eixo de nossas teorizações metapsicológicas: “Pulsões e destinos da pulsão”. Nesse texto, Freud (1915, p. 148) nos reapresenta a primeira teoria pulsional, em que a dualidade se constitui entre a autoconservação e a sexualidade, tendo a pulsão “como um conceito-limite entre o psíquico e o somático; como representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência da sua relação com o corpo”. Na busca pela satisfação, as pulsões, com suas representâncias, acabam por desenvolver atividades complexas para obter do mundo externo formas de saciar as fontes internas dos estímulos, que afluem de modo contínuo.

O corpo biológico, em seu entrecruzamento com o corpo pulsional, nos tempos primordiais, em seu desamparo originário, é incapaz

de metabolizar as intensidades que o inundam, recorrendo aos dois destinos pré-recalque como mecanismos de retardamento da demanda pulsional, fundantes do aparato psíquico — reversão ao contrário e retorno contra si mesmo (FREUD, 1915). A reversão ao contrário é dividida em dois processos distintos: no redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade, quando a meta ativa é substituída pela passiva (como olhar e ser olhado, torturar e ser torturado); e na inversão de conteúdo, com a transformação do amor em ódio. O retorno contra si mesmo se refere à troca de objeto, sem alteração da meta. Tais destinos não dão conta da moção pulsional em sua totalidade, de forma que a orientação ativa subsiste, em certa medida, ao lado da passiva, havendo sempre uma condição de ambivalência.

Freud (1915) utiliza-se dos pares de opostos sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo como exemplos para examinar tais processos, a partir dos quais podemos apreender as vozes constituintes do Eu. Ele descreve o primeiro caso da seguinte forma: originalmente, a pessoa usa de força e domínio (pulsão de apoderamento) contra outra pessoa (voz ativa: “o que eu lhe faço”); em um segundo momento, o objeto é substituído pela própria pessoa, de forma que a meta pulsional ativa se transforma em passiva (voz reflexiva média: “o que eu me faço”); e finalmente, em decorrência dessa transformação, a pessoa busca outro objeto que deverá assumir a posição de sujeito. Ou seja, por meio da identificação, o sujeito narcísico sofre uma troca por outro Eu estranho (*fremd*) (voz passiva: “o que ele me faz”). Essa última transformação corresponderia ao masochismo propriamente dito.

Nesse momento de sua obra, Freud (1915) defende a ausência de um masochismo original, isto é, que não seja proveniente do sadismo. Nesse sentido, a satisfação atingida pela posição masoquista advém da pulsão sádica. O masochismo seria um sadismo voltado para o próprio Eu, um retorno ao objeto narcísico. Assim, os destinos pulsionais de transformação de atividade em passividade e de redirecionamento contra o próprio Eu são dependentes da organização narcísica do Eu e carregam a marca dessa fase.

Nos textos de 1919 intitulados “O inquietante” e “Batem numa criança”, vamos acompanhando, em meio aos estranhamentos, os anúncios da transição do sadismo primário para o masoquismo primário.⁸ Freud (1919a) nos apresenta a fantasia universal de espancamento das crianças em “Batem numa criança”, rascunhando os primórdios do que virá a ser a passividade infantil, assim como a capacidade sintética do Eu, desenvolvida nesse intercâmbio entre masoquismo e sadismo, sadismo e masoquismo. Esse cenário será condição fundante para a modificação que fará com que a primeira voz constitutiva do Eu se revele como passiva: “o que ele me faz”. Essa ideia será desenvolvida no decorrer deste texto, em uma interlocução entre *Além do princípio do prazer* (1920) e “O problema econômico do masoquismo” (1924).

No texto de 1920, tornou-se necessário para Freud rever a economia psíquica, pois o princípio de prazer que dominava os processos mentais não explicava como a dor e o desprazer seriam também metas almejadas: compulsão à repetição, produto da revivência do que nunca foi prazeroso na história do sujeito. Diante dessa proposição, ele inaugura uma nova dualidade pulsional: pulsão de morte *versus* pulsão de vida. Essa concepção vai acarretar a necessidade de Freud retomar a primariedade do *princípio de inércia* sob uma nova roupagem: o *princípio de Nirvana*, que terá como seu sucedâneo o *princípio do prazer*. Tempo de interrogar a vigência do sadismo primário.

Seguindo esse pensar, Freud, em 1924, trabalhará a problemática do masoquismo. Nesse processo, validará a existência do masoquismo

8 Em “O inquietante”, Freud (1919b) vai começar a desenhar a dupla face do *estranho*, no sentido de uma qualidade do sentir que transita entre o conhecido e o desconhecido — convocação para se debruçar sobre a estética do repulsivo e do doloroso. Paralelamente, o texto contemporâneo “Batem numa criança” traz à luz as complexidades envolvidas nas fantasias conscientes e inconscientes, as quais suscitam no leitor inquietantes estranhezas diante dos questionamentos encenados nessas fantasias. O estranhamento emerge diante dos primórdios da preponderância do masoquismo em detrimento do sadismo. Compreendemos que a passividade originária se faz presente — em um jogo de véus, que esconde e revela — principalmente na fase intermediária, totalmente inconsciente: o estar subjogado ao poder dos objetos primários. Momento privilegiado para contemplar o *estranho* na teoria e na construção da teoria freudiana.

erógeno primário e seus desdobramentos no masoquismo feminino e moral. Com o advento dessa proposição, fica posta a anterioridade do masoquismo em relação ao sadismo. Essa ideia ganha maior consistência ao destacar a função estrutural do masoquismo via processo identificatório: masoquismo como estrutura; sadismo como forma de expressão da autodestrutividade do Eu, agora no outro.

Esse contexto direciona nosso olhar para os enigmas do masoquismo primário e erógeno. Como sabemos, ele está na base das outras duas formas de masoquismo. Nesse sentido, é produto do intrincamento inaugural do psiquismo — pulsão de morte *versus* pulsão sexual —, o que nos induz a pensar que, topograficamente, está localizado em uma área de transição entre o Id e o Eu, regido pelo *princípio de Nirvana*.

Desse lugar, poderá transitar por dois grandes caminhos não excludentes: o primeiro, mais conhecido por nós, constituirá o masoquismo feminino, localizado no Eu, que implica uma passividade em relação às demandas das demais instâncias — uma passividade enquanto ação e uma atividade enquanto processo de pensamento. O segundo é o masoquismo moral, que padece de menor grau de intrincamento pulsional, produto da resolução do complexo de Édipo. Esse masoquismo está alojado, topograficamente, no Supereu, e está implicado de forma determinante na necessidade de punição, exercida sadicamente sobre o Eu.

Dito isso, precisamos repensar o texto das pulsões de 1915 — no qual o sadismo é considerado primário, anterior ao masoquismo — sob uma nova perspectiva, na qual o masoquismo torna-se primário. Diante dessa constatação, por meio de um exercício clínico, propomos um outro olhar para a ordem das vozes constitutivas do Eu (passiva, reflexiva e ativa) no qual a primeira voz constituinte do Eu passa a ser a voz passiva “o que ele me faz”. Apoiamos esta reformulação a partir de uma releitura dos textos de 1914 e 1917, nos quais o poderio do objeto sobre o infante se faz notório na estruturação do narcisismo

primário a partir da projeção do narcisismo das figuras parentais, momento em que ocorrem as identificações primárias, passivas e alienantes, que condiciona que a primeira voz constituinte do Eu seja a voz passiva: “o que ele me faz”.

Acreditamos que a pulsão de morte é a pulsão por excelência, e que a pulsão sexual é proveniente dos objetos. Sendo assim, ao ser encontrada pela pulsão sexual, a pulsão de morte vai propiciar o trabalho da ligação pulsional. Nesse sentido, Paim Filho (2014) sugere que a primeira vicissitude desse encontro pulsional é o masoquismo *não erógeno*, tempo anterior à existência do masoquismo primário e erógeno proposto por Freud em 1924. Esse “não erógeno” tem uma dupla vicissitude: *protetor* e *narcotizante*, configurado a partir da qualidade libidinal do encontro com os objetos (PAIM FILHO; TERRA MACHADO, 2021). O masoquismo protetor está relacionado com nossa capacidade de suportar a dor e efetivar suas transformações — trabalho do luto —, enquanto o narcotizante diz respeito à incapacidade de realizar tal tarefa, ficando sob o jugo da “compulsão do destino” (FREUD, 1920, p. 183) — trabalho da melancolia. Esse tempo originário da intrincação pulsional (passividade originária) é fator condicionante para o vir a acontecer dos destinos pulsionais narcísicos, conforme já mencionado — transformação ao contrário e retorno sobre si mesmo.

A segunda voz constituinte do Eu permanece sendo a voz reflexiva média — “o que eu me faço” —, a qual está relacionada com a maior ou menor capacidade do Eu de discriminar o que fica introjetado e o que é defletido. A terceira voz, a ativa — “o que eu lhe faço” —, é a resultante da articulação entre o que o sujeito recebe (voz passiva) e o que metaboliza (voz reflexiva), mediante o processo identificatório.

Portanto, enfatizamos os masoquismos protetor e narcotizante como estruturantes da vida anímica. Diante dessa compreensão, vamos exercitar uma escuta da clínica.

1 AS VOZES CONSTITUTIVAS DO EU: REVERBERAÇÕES CLÍNICAS

Iniciamos exemplificando o processo de um masoquismo narcotizante, com sua *potencialidade* de vir a ser um masoquismo protetor. Maria é uma jovem de 20 anos. Seu pai biológico sumiu quando ela tinha um ano de idade, e ela nunca soube quem ele era — “o que ele me faz” —, fato que anuncia as marcas fundantes do masoquismo narcotizante. Foi criada pela mãe e pelo padrasto, que já tinha um filho e teve mais três com sua mãe. Maria é abusada sexualmente aos nove anos, com toque e masturbação, por um vizinho. Aos 11 anos, é novamente abusada, dessa vez pelo filho adolescente de uma vizinha e com penetração. Na ocasião, não contou para ninguém o que havia acontecido, com medo de que a família fosse penalizada — “o que eu me faço”.

Na adolescência, tem um namorado que, ao constatar que ela está deprimida, a incentiva a contar à sua mãe o que se passou. Ela o faz, em uma tentativa de ruptura com o masoquismo narcotizante, assim como em uma busca de validar o seu masoquismo protetor: possibilidade de um novo destino para “o que eu me faço”. Entretanto, a mãe diz que é tudo mentira, que ela estaria inventando aquilo para culpá-la, para que se sentisse “uma mãe de merda”, instaurando em Maria uma revivência de “o que ele me faz”. Ela também denuncia um flerte entre o filho do padrasto e sua meia-irmã. O padrasto bate nela, dizendo que isso é mentira e que Maria quer destruir a família. Depois disso, ela passa a se envolver com meninas e a desenvolver práticas sadomasoquistas. Costuma bater nelas e amarrá-las — “o que eu lhe faço” —, exercendo ativamente o que viveu passivamente. Mais adiante, envolve-se com rapazes, com quem desempenha o papel passivo, também em práticas sadomasoquistas.

Aos 20 anos, é abusada sexualmente pela terceira vez, ao sair com um amigo com quem costumava ficar, mencionando que sabia que

isso poderia acontecer. Nesse momento, procura um analista, reinaugurando a possibilidade de trabalhar novas vicissitudes para o seu masoquismo narcotizante, em direção ao masoquismo protetor. Diante desse contexto, defendemos a importância de que o encontro analítico possa ser sustentado por um analista que tenha desenvolvido maior intimidade com seu próprio masoquismo protetor, em detrimento da destrutividade do seu masoquismo narcotizante: condição para suportar, sobreviver e elaborar, em parceria, as intensidades caóticas advindas do masoquismo narcotizante de sua analisanda.

Ilustrando a presença do masoquismo narcotizante e sua *transformação* em um masoquismo protetor, apresentamos o caso de Mariane, que chega à primeira sessão em 2015, após uma crise no namoro. Fora expulsa do apartamento de João Pedro apenas com a bolsa e trajando as roupas íntimas após uma discussão. Episódio impactante, mas que apenas abre passagem para que possam vir à cena os acontecimentos do último ano. “Situações estranhas”, nas palavras da jovem, que aconteciam desde antes de oficializar o namoro. Bastava ele se sentir contrariado, inseguro ou enciumado para chamá-la de mentirosa, desqualificá-la, deixá-la sozinha em lugares públicos, fazê-la duvidar de algo que tinha dito, como também de seu autoconceito. Mariane entra em tratamento quando analista e analisanda compreendem que, mesmo contrariando a racionalidade, ela queria retomar a relação com João Pedro.

Diferente de alguém que quer se livrar da dor, Mariane ainda precisa repetir com o companheiro as dores vividas com os objetos primários no passado — “o que ele me faz” — e convida a analista a acompanhá-la nesse processo: retomar a relação com João Pedro, ser namorada, noiva e esposa dele foram as escolhas de Mariane testemunhadas ao longo de sua análise. Paralelamente, acompanhar a analisanda e a dor que ainda não podia ser sentida, nesse trânsito entre o masoquismo narcotizante e o masoquismo protetor, fazendo uso do masoquismo protetor da analista, abrindo espaço para que a dor pu-

desse ser suportada e metabolizada, foi o caminho para que a voz reflexiva média — “o que eu me faço” — pudesse ecoar de forma distinta.

Na vida de casada com João Pedro, “o que ele me faz” muda a apresentação, agora mais sutil, mas não a forma. Nessa reedição, recordando na repetição, Mariane segue vivenciando situações que lhe causam sofrimento, percebendo-se prisioneira desse “monstro” ao seu lado. Ao mesmo tempo, rupturas em seu masoquismo narcotizante vão se apresentando e manifestando seu desconforto no cotidiano: em seu mau humor, em suas distrações, em um jeito mais funcional do que amoroso de lidar com as situações, o que podemos entender como uma reversão para a voz ativa — “o que eu lhe faço”.

Em meados de 2020, quando os atendimentos *on-line* são a regra, devido à pandemia do coronavírus, Mariane surpreende a analista com sua demanda: quer retomar as sessões presenciais, rompendo com a passividade que sempre marcou sua postura como paciente. O tom ativo de sua reivindicação demarca não só uma desconforto no *setting*, mas também uma mudança na voz ativa — “o que eu lhe faço” — que vai reverberar na voz reflexiva — “o que eu me faço”. Ao encontrar pessoalmente a analista, diz que agora entendeu o que vinha sendo tratado ao longo desses anos e não quer mais viver essa relação abusiva — o alvorecer do masoquismo protetor. Passa a contar situações que são variações do mesmo tema, todas muito parecidas entre si, vivenciadas entre ela e o marido. Há, porém, uma diferença: ela não só não quer mais viver assim, como também não entende de que modo suportou viver assim todos esses anos, submetida às situações que lhe causaram tanto sofrimento.

O terceiro caso diz respeito à *perpetuação* do masoquismo narcotizante, por meio de uma situação de obesidade mórbida. Ana chega devagar, reticente, e, depois de estudar o ambiente, acomoda-se com dificuldade na poltrona. Sorri um tanto ansiosa, parecendo não saber por onde começar. É sua primeira vez. Seu corpo comunica algo antes mesmo que ela fale. Ocupa toda a poltrona, todo o espaço. Suas

roupas são muito grandes, e seus sapatos mal cabem nos pés. Conta que vem engordando muito e sente-se mal com isso; por isso, decidiu procurar ajuda, revelando fissuras em seu masoquismo narcotizante, em prol de seu masoquismo protetor, este que sofrerá sérios ataques no decorrer do processo analítico.

Ana tem dores de estômago e náuseas quando come demais. Sente-se só, triste e desmotivada. Seus exames estão alterados. O médico pediu-lhe que cuidasse da alimentação e retornasse em breve, mas ela nunca voltou. Teme alguma doença grave; prefere não saber. Seu pai faleceu, há alguns anos, em decorrência de um câncer no estômago, tendo sofrido e emagrecido muito por não poder se alimentar. Desde que ele morreu, Ana, que era muito magra, engordou 50 quilos. Para ela, nada mais será como antes. Hoje, sente-se controlada pela mãe e pelo marido, que a criticam quanto ao que come, ao que veste e ao modo como se relaciona. Não se sente *com moral* para confrontá-los, pois está obesa. Quando eles não estão por perto, aproveita para comer enquanto assiste a *Quilos mortais* na televisão — “o que eu me faço”. Esse, provavelmente, é um desdobramento da voz passiva, do que foi emitido pelas figuras parentais: “o que eles me fazem”.

Quando nasceu, Ana estava com uma volta do cordão umbilical no pescoço. Sua mãe quase morreu no parto e precisou ficar dias na UTI, não sabe ao certo por quê. Ana acha que ficou abandonada no hospital, longe da mãe, e que “de vez em quando alguém dava uma olhada, talvez o pai”. Pensa que, por essa razão, a mãe não teve mais filhos, ou porque perdera um bebê antes dela. Acha que sempre ficou muito só. Era muito pequena quando os pais a deixavam em casa e saíam para trabalhar.

Em relação à mãe, pensa que nunca foi realmente olhada e compreendida. A mãe chora a perda do marido e diz: “Teu pai se foi e, agora, eu não tenho ninguém”. Ana emociona-se ao contar isso. Gostaria de dizer “Mas eu estou aqui” e não consegue. “Ela não me vê, ela não me escuta. Sou invisível”. Ana sente dificuldade de sair na rua,

temendo encontrar alguém que a tenha conhecido quando magra. Evita ocasiões sociais, pois percebe os olhares alheios de desaprovação. Então, coloca fones de ouvido e se isola do mundo, tentando ficar de fato *invisível*, condizente com a voz reflexiva – “o que eu me faço”.

O tratamento é marcado por faltas, trocas de horários e uma constante ameaça de não conseguir mantê-lo. Inferimos que a ausência e a sensação de abandono que foram vividos passivamente são reeditados na transferência com a analista – “o que eu lhe faço” –, cuja sensação é a de que será, a qualquer momento, abandonada pela paciente. Assim, Ana testa a capacidade masoquista da analista – “o que eu me faço” – de suportar a dor da separação.

2 UMA NOVA VERDADE?

Por meio da ilustração dos casos, destacamos a importância clínica dessa nova abordagem metapsicológica proposta por Freud em 1924, em que o masoquismo torna-se primário, e a passividade originária passa a ser postulada. Realizamos essa abordagem sugerindo uma alteração nas posições das vozes constituintes do Eu anunciadas em 1915.

Concluimos salientando a importância do jogo dialético entre o masoquismo protetor e o masoquismo narcotizante – não só nos analisandos, mas também no analista. A presença do primeiro propicia uma intimidade com a dor psíquica e torna-se um agente transformador, em que a voz reflexiva média cumpre sua função de significar e ressignificar a história do sujeito.

Quanto ao masoquismo primário não erógeno, antes de mais nada, reafirmamos que ele é produto do primeiro intrincamento pulsional, que nos tira do desamparo absoluto das origens. Esse estado tensional carrega consigo uma intrigante questão: de um lado, está comprometido com a descarga absoluta da pulsão de morte, do outro, suas ligações incipientes inauguram a vida psíquica. Sua perpetuação

na história do desenvolvimento libidinal caracteriza o masoquismo narcotizante. Assim, quando este prevalece, contribui para a destrutividade da dupla analítica. Essa condição paralisa o potencial transformador da voz reflexiva média.

Nesse cenário, quando o analista é tragado pelo próprio masoquismo narcotizante, em consonância com o masoquismo narcotizante do analisando, ambos são levados a reeditar, de forma circular, o jogo traumático da passividade-atividade de suas histórias infantis, instalando *o trágico no processo analítico*.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 1-10. (Obras completas, 12).

FREUD, S. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. p. 133-173. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. *In*: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170- 194. (Obras completas, 12).

FREUD, S. (1919a). “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. *In*: FREUD, S. **História de uma neurose infantil, Além do princípio do prazer e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 293-327. (Obras completas, 14).

FREUD, S. (1919b). O inquietante. *In*: FREUD, S. **História de uma neurose infantil, Além do princípio do prazer e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376. (Obras completas, 14).

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **História de uma neurose infantil, Além do princípio do prazer e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161- 239. (Obras completas, 14).

FREUD, S. (1923). O eu e o id. *In*: FREUD, S. **O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. (Obras completas, 16).

FREUD, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. p. 103-124. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. (1938). Fragmentos do espólio – 12 de julho de 1938. *In*: FREUD, S. **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 205-207.

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 387-529. (Edição standard brasileira, 1).

PAIM FILHO, I. A. Freud reinventando Freud. *In*: PAIM FILHO, I. A. **Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte**. Porto Alegre: Movimento, 2014. p. 1-10.

PAIM FILHO, I. A.; TERRA MACHADO, A. P. Masoquismo: destinos das pulsões – origem do sujeito. *In*: CENTRO de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. **Pulsão de morte: a inegável existência do mal**. Porto Alegre: CEPdePA, 2021. p.63-87.

VIERECK, G. (1926). O valor da vida: uma entrevista rara de Freud. *In*: SOUZA, P. C. (org.). **Sigmund Freud & o gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 117-128.

The instinctual narcissistic destinies and the constituting voices of the self

ABSTRACT

Freud, in 1915, invites us to break the frontiers of the known and walk through paths, maybe not so new, but with possibilities of walking through them differently than established. This invitation becomes audacious the moment we dare make an investigative rereading of the Freudian text ‘Pulses and Their Destinies’ (orig. Triebe und Triebchicksale). It intends to resignify the concepts of sadism and masochism, structured in tune with the instinctual narcissistic destinies, overlooked by the turn of 1920. To achieve such a goal, the present text also uses, from 1924, ‘The Economic Problem of Masochism’. In the interaction of these two movements of Freudian thought, it implies a change of perspective, from the primary sadism to primary masochism -, establishing a dialogue with the constituting voices of the self. From this conception, it works on the passive voice, active voice and medium reflexive voice, guiding to reflect its structuring and psychopathological function: opening doors. Aiming towards working on ideas, it utilizes clinical vignettes, in which the symptoms make themselves a representation of the medium reflexive voice (“what I do myself”), in its intimate relationship with the passive voice (“what it does to me”) and with the active voice (“what I do to it”).

Keywords: Self. Narcissism. Pulsion. Voices. Masochism. Sadism.

Recebido em 21/06/2022

Aceito em 14/11/2022